

11.º *praxe* e os compostos de *-taxe* (*syntaxe*, *paraxaxe*, *hypotaxe*).

Levadas em conta estas restricções e casos especiaes acima explicados, dá-se geralmente o genero masculino aos nomes designativos de cousas, paroxytonos e proparoxytonos, desde que não terminem em *-a* atono. Dizemos o *caracter*, o *aljofar*, o *assucar*, o *ambar*, o *orgão*, etc. *Benção* (do lat. *benedictione* —) entrou na linguagem como vocabulo feminino com accento tónico na syllaba final. Esta pronuncia persistiu durante muito tempo. Hoje proferimos o vocabulo, deslocando o accento para a syllaba *ben*, mas conservando o genero feminino.

NOMES DE ANIMAES. — Na determinação do genero grammatical não ha differença entre os nomes dos animaes e os demais substantivos, quando se trate de entes em que a distincção do sexo, ou por difficil ou por desnecessaria, não costuma ser feita na vida real. Assim são femininos, simplesmente por terminarem em *-a*, *baleia*, *aguia*, *formiga*, *pulga*, *onça*, *cobra*, *tartaruga*; e masculinos, por analogia de outros vocabulos, *badejo*, *rouxinol*, *gavião*, *salmão*, *sapo*, *tatu*, *rhinoceronte*, *hippopotamo*, *rato*, *tamanduá*. Os nomes *perdiz*, *codorniz*, *serpente*, *rez*, são femininos á semelhança de certos nomes de cousas com a mesma terminação.

Sendo mister alguma vez determinar o sexo, acrescenta-se a estes nomes, conforme o caso, a palavra *macho* ou *femea*: *a aguia macho* ou *o macho da aguia*; *o sapo macho*, *o sapo femea* ou *a femea do sapo*, etc.

Chamam-se em grammatica **epicenos** esses substantivos que com um só genero designam ambos os sexos; e epicenos são em geral os nomes de peixes, reptis e batrachios, de insectos e animaes inferiores e, com poucas excepções, os de mammiferos e aves.

A distincção sexual impõe-se, e com ella a necessidade de vocabulos que designem o macho e a femea, em se tratando de certos animaes domesticos, criados pelo homem para a alimentação, para a lavoura ou para outros fins. Assim, differencam-se, por vocabulos distintos, *boi* e *vacca*, *cavallo* e *egua*, *burro* (e *mu*) e *besta* ou *mula*, *carneiro* e *ovelha*, *bode* e *cabra*, *gallo* e *gallinha*, *cão* e *cadella*; e,

mudando simplesmente a terminação da palavra, *gato, gata; porco, porca; leitão, leitoa; pombo, pomba; peru, perua; pato, pata, marreco, marreca.*

Denotam particularmente certos machos destinados para a reprodução estes termos: *touro* (boi); *garanhão* (cavallo); *varrão* (porco).

* Querendo-se designar a especie ou quaesquer individuos da especie, emprega-se a forma masculina, *cavalllos, cães, porcos, gatos, perus, patos, leitões*; mas diz-se *criação de gallinhas, de cabras*, attendendo ao numero preponderante de femeas. De preferencia a *rebanho de carneiros* usa-se *rebanho de ovelhas*. Falando do gado bovino, o termo *vacca* ou *vaccas* individuará as productoras de leite, criadas em geral separadamente do outro sexo.

Macho e femea de certos animaes não-domesticos que ferem a vista pela grande dissemelhança no aspecto exterior, têm designações para os dous sexos: *faisão, faisã; pavão, pavao; leão, leoa; veado, corça.*

Distinções que interessam particularmente a caçadores são *javardo* (javali macho), *loba* e *ursa*. Este ultimo feminino applica-se, fora do dominio de S. Huberto, sómente ás constellações *Ursa maior* e *Ursa menor*.

Os quinhentistas davam tambem forma feminina ao termo *elefante*:

Vinham dous elefantes grandes... e huma elefanta pequena (Barros, Dec. 2, 9, 1).

NOMES PROPRIOS. — O genero dos nomes proprios de pessoas, nacionaes ou estrangeiros, dos sobrenomes appellidos ou alcunhas, decide-se pelo sexo das pessoas portadoras de taes nomes: *Moysés, Judith, Ezequiel, Rachel, Norma, Numa, Jugurtha, Cleopatra, João de Castro a nova Castro, Chateaubriand, Lafontaine, a Dubarry, e Pompadour, Irene, Alexandre, o Magalhães, a (senhora) Guimarães, o Chora-vinagre, o Prata Preta, José, Salomé Montesquieu, a Montesper, Apollo, Sappho, Edviges, Bruno, Juno, etc.*

Certos nomes de baptismo, como *Pedro, Adão, Arthur* servem sómente para homens; outros, como *Martha, Leonor*, só se applicam a mulheres; outros, finalmente, usam-se para os dous sexos, fazendo-se a distincção na terminação

do vocabulo: *Francisco, Francisca; Antonio, Antonia; Manuel, Manuela; Luiz, Luiza; Paulo, Paula; Valenciano, Valenciana*, etc. Antigamente dizia-se tambem *Simoa* (como feminino de *Simão*) e *Julioa: a nao Julioa* (Barros, Dec. 1, 6, 3).

Esta pratica de variar a terminação foi por vezes adoptada pelos chronistas com relação a appellidos de familia:

Nom somente deu os bões delle, mas ainda de *Maria Anes Leitao*, sua manceba (F. Lopes, D. J. 336) — Foi filha de dona *Maria Affonso Chichorra* (ib. 348) — Foi casado com D. *Maria* filha de *Fernão Pereira Barreto*, de que houve duas filhas *Dona Catharina Pereira Barreto...* e *Dona Elena Mascarenhas* (Couto, Dec. 4, 4, 1) — Casado com *Dona Marianna Coutinha*, filha de *Pero de Andrade de Caminha*, que foi casado com *Dona Pascoela Coutinha* filha de *Vasco Coutinho* (ib. 8, 28).

Aos nomes dados a animaes, edificios, navios e outros objectos ajunta-se o artigo de accordo com o genero do substantivo commum que se tem em mente: *o (cavallo) Bucephalo, a (egua) Swift, o (navio) Santa Catharina, o Rainha Margarida, o (palacio) Itamaraty, o (navio) Dona Clara, o (cruzador) Republica, o Minas Geraes*, etc.

O artigo que sempre se antepõe aos nomes de rios e montes refere-se, não ao nome proprio, mas ao termo geographico, claro ou subentendido: *o (rio) Amazonas, o S. Francisco, o Madeira, o Parahyba, o (monte) Aconcagua, o Vesuvio, o Etna, os (montes) Alpes, os Andes*, etc.

Nas denominações *o Atlantico, o Pacifico* refere-se o artigo ao termo «oceanos»; em *o Mediterraneo, o Adriatico, o Baltico* tem-se em mente a palavra «mar».

Pode-se deixar de mencionar o termo «ilha» junto aos nomes *Chypre, Naxos, Chio*, etc.; porem os adjectivos e pronomes irão para o feminino de accordo com o termo geographico não expresso. Diz-se comtudo *os Açores, os Abrolhos*.

Por motivo analogo vão referidos á palavra «cidade» os qualificativos em *Nova-York, Nova Friburgo, soberba Tui* (Cam., Lus. 3, 89); *Trancoso destruida* (ib. 3, 64); *sometida Bizancio* (ib. 3, 12); *a forte Arronches* (ib. 3, 55); *vê cercada Santarem* (ib. 8, 19); *fundada Arsinoe foi* (ib. 9, 2).

Esta regra relativa aos nomes de cidades soffre notaveis restricções. Diz-se por exemplo *o Rio de Janeiro, o*

Cairo, o Havre. Fernão Lopes emprega Londres com o genero masculino em *a mim parece que boom Londres he este* (D. J. 40).

Londres e Paris são nomes masculinos para Fernão Mendes Pinto, que só dá o feminino aos nomes terminados em *-a* atono neste passo :

Porque se não ha de imaginar que he ella [cidade de Pequim] *hũa Roma, hũa Constantinopla, hũa Veneza, hum Paris, hum Londres, hũa Sevilha, hũa Lisboa,* (ib. 2, 80).

Do mesmo genero é *Fez* segundo est'outro trecho quinhentista :

Fez he uma cidade, a maior e mais principal de toda a Berberia... ha nella duas partes, convem a saber: *Fez o novo*, que contém alcaçova, paços reaes, casas de senhores, alfandegas, aduanas: e isto cercado de mui bons muros, faz huma pequena cidade: logo junto della, dous tiros de pedra, ladeira abaixo, está *Fez o velho*, bem murado e assentado entre alguns outeiros e chapadas (Mend., Journ. d'Afr. 1, 112).

Camões põe no masculino :

Tangere populoso (Lus. 4, 55) — *Foi tomado Alcacere do Sal* (ib. 3, 90) — *O extremo Suez* (ib. 10, 98) ;

e, vacillando, escreve :

Dará *na rica Dio* (ib. 10, 64) e hum ergue *Dio*, outro o defende *erguido* (ib. 10, 67).

Vieira contradiz seriamente a regra neste passo :

Por *huma Jericó* vos darey *hum Moçambique, hum Melinde, hum Socotorá, hum Bassorá, hum Ormuz, hum Diu, hum Damão, hum Chaul, hum Meliapor, hum Jafanapatam, hum Macao* (Serm. 8, 395).

Incluiu o orador nesta serie de nomes masculinos *Socotorá*, que é uma ilha. Comparem-se com a linguagem de Vieira os trechos camoneanos :

Verás de fronte estar no Roxo estreito *Socotorá* co amaro aloe *jumosa* (Lus. 10, 137) — A canela com que *Ceilão he rica, illustre e bella* (ib. 9, 14).

Para os nomes proprios applicados a grandes extensões de terra, a paizes, provincias ou estados, e usados sem o termo geographico, regula-se o genero pela terminação

do vocabulo. São femininos* os terminados em -a atono: *America, Asia, Europa, Australia, Noruega, Dinamarca, China, Siberia, Russia, India, Abessinia, Patagonia, Colombia, Andaluza, Guyana, Hollanda, Hespanha, Belgica, Persia, California, Galliza, etc.* São masculinos os que têm outra terminação: *Peru, Japão, Chìle, Brasil, Goyaz, Ceará, Sergipe, Mexico, Panamá, Haiti, Marrocos, Egypto, Iran, Indostão, Portugal, Aragão, Algarve, Pamir, Tibet, etc.*

MUDANÇA DE GENERO E GENERO DUVIDOSO. — Varios substantivos communs têm ou tiveram genero duvidoso:

a) **Planeta** (ou *praneta, preneta*, variantes em port. ant.). Na linguagem pre-camoneana podia usar-se o vocabulo indifferentemente no masculino ou feminino. No Leal Cons. cap. 39 occorre *as pranetas, das pranetas* nada menos de nove vezes. Na obra Corte Imp. notam-se a pag. 240 e 242 os casos seguintes de um e outro genero:

A planeta que chamam Jupiter que he *hũa das sete planetas* ha propiedade e condiçom de significar fe e rreligiom. — E *as* outras seis *planetas*... — saturno he *hũu* tal *planeta* que he mais grave que *todos os outros planetas* e el nom se aiunta a nehuũ *dos outros planetas* e *todalas outras planetas* se ajuntam a el — o *planeta* saturno — o *dito planeta* Jupiter — *este planeta* — ao *planeta* do Sol — quando a *planeta* Jupiter se aiuntar com a *planeta* que he a *lũa* — do *planeta* mercurio — o *planeta* Jupiter — a *planeta* mercurio — o *planeta* mercurio.

No seculo XVI tende a fixar-se o uso da forma masculina. Em Gil Vicente occorrem ainda:

Do védor he necessario | saber a *planeta sua*. | *Sua planeta* he a lua (3, 254) — Ou que *planeta he aquella* | que o fez tão sabedor | pera que adoremos *nella?* (ib).

Camões adopta o masculino em:

Já neste tempo o *lucido planeta* (Lus. 2, 1) — A quem fez o seu *planeta* restituidor de Hespanha (ib. 3, 19).

Difficil de explicar é o passo:

Mas já o *planeta* que no ceo primeiro habita, cinco vezes *apressada* agora meio rosto, agora inteiro mostrara (Lus. 5, 24).

Segundo alguns, seria um caso de syllepse de genero; mas cumpre notar que não costumava o poeta lançar mão

desse audacioso recurso. Outros entendem que Camões teria escripto *Mas já a planeta*, como o permittia o uso ainda naquelle tempo, e que por erro typographico sahiria o *planeta*. Parece mais plausivel a segunda explicação.

b) **Cometa**. Palavra masculina hoje, mas de genero incerto entre os quinhentistas:

Appareceo no ceo da parte do oriente *hũa cometa* (Castanh. 1, 98) — Appareceo no ar *hum grande cometa* com hum raio... a qual foi vista per todos d'armada (Barros, Dec. 1, 5, 2).

Vieira, referindo-se ao cometa de 1695 (Serm. 14, 225-265), não dá ao termo senão o genero masculino.

c) **Tribu**. Para os seiscentistas *a tribu*, como hoje usamos, era tão correcto como *o tribu*:

Dando de barato a parte *das dez tribus* (Vieira, Serm. 8, 265) *De huma tribu a outra tribu* (ib. 8, 264) — Juraram *todos os doze tribus* de Israel (ib. 2, 120) — *Das doze tribus*, que juraram... *as dez* lhe negaram obediencia (ib. 2, 121) — Ajuntou *de todos os tribus* que poude (ib. 9, 442).

d) **Mappa**. De genero feminino no seculo XVI, passa a usar-se como masculino do seculo seguinte em diante:

Na mappa (H. Pinto 1, 353; 1, 208 e passim) — *O mappa* (Vieira, Serm. 7, 200 (3 vezes), 202 (2 vezes)).

e) **Catastrophe**. Vocabulo outrora masculino:

O catastrophe da tragedia (Ser. 14, 241) — *Aquelle catastrophe* admiravel (ib. 9, 415) — Um famoso *catastrophe* (ib. 1, 459) — Depois *daquelle catastrophe* fatal (M. Aires, 381) — Vem a ser mais *pathetico, vehemente e horroroso o catastrophe* da tragedia (Freire, A. poet. 71).

f) **Hyperbole**. Hoje usa-se este termo no feminino; antigamente dizia-se *o hyperbole* a par de *a hyperbole*:

Isto he tão extranhado na Historia que melhor soffre *hum hyperbole* (Barros, Dec. 3, prof.) — Permitta-se *o hyperbole* (M. Aires, 42) — Deixo tambem *os empollados hyperboles* (Bern. N. Fl. 4, 267) — Não he tão mal entendida *a hyperbole* (Vieira, Serm. 4, 203) — O estylo que segui, foi *huma hyperbole* às avessas (ib.).

g) **Amethysta e amethysto**. — Contrariamente ao uso actual, encontramos a forma masculina em:

O amethysto pedra preciosa tem cor de vinho (Bern., N. Fl. 4, 124) — O calix consagrado e calix de *preciosos amethystos liquidos* (ib.)

h) **Fim.** Continuou a ter em portuguez o mesmo genero do lat. *finis* até que com a era dos seiscentistas passou a ser vocabulo exclusivamente masculino. Com este mesmo genero já apparece nos *Lusiadas*; autores de outras obras quincentistas revelam tendencia conservadora:

Ja *na fim* de dezembro (Castanh. 2, 74) — Aquel era *ho fim* pera que lhe elrey dera aquella armada (ib. 2, 68) — Era *o fim* a que seus inimigos faziam todas estas cousas (ib. 2, 109) — *Da fim* de agosto até *a fim* de outubro (Barros, Dec. 2, 6, 1) — *Na fim* de junho (Castanh. 1, 68) — *Na fim* dagosto (ib. 4, 42) — Como quem entendia *o fim* daquella sua viagem a Malaca (Barros, Dec. 2, 6, 2).

i) **Linguagem, linhagem.** Em port. ant. podia dizer-se: *Em linguagem grego* (S. Josaph. 49). Dizia-se tambem *livro dos linhagens* (Port. M. Hist. S. 1, 143); *seu linhagem* (F. Lopes, D. J. 147, 149) a par de *a humanall linhagem* (ib. 299). Segundo a grammatica de Fernão de Oliveira, *linguagem e linhagem* são femininos.

j) **Personagem.** Antepõe-se-lhe tanto o artigo *o* como o artigo *a*:

Todas as grandes personagens (Vieira, Serm. 2, 217) — Apparece *uma personagem* de grande autoridade (ib. 11, 182) — *Dous personagens* (Mello, Ap. Dial. 278) — Vira a seu lado *huma veneranda personagem* em habito sacerdotal (Bern., N. Fl. 4, 367) — As turbas que cercão *as personagens* illustres (ib. 4, 361) — *Estas personagens* achavam-se reunidas (Herc., Lend. e Narr. 1, 186) — Salvo *as personagens* (ib. 1, 187) — As palavras *dos dous personagens* (Herc. M. de C. 2, 28) — Respondeu *o personagem* (ib. 2, 91) — Alli chegaram *os tres personagens* (ib. 2, 106) — *A personagem* que dera azo (ib. 2, 115) — Diante *do nedio personagem* (ib. 2, 229) — Deixaram ver *um novo personagem* (ib. 2, 234) — *Esta personagem* é D. Vivaldo (ib. 1, 161).

k) **Banco roto e bancarrota.** Desde que em portuguez se usa a forma masculina para designar o estabelecimento de credito, logico parece o emprego do mesmo genero em: *Qualquer que se faz amigo do mundo faz banco roto com Deos* (H. Pinto 1, 411). Veio porem a prevalecer a forma feminina, naturalmente por influencia do italiano *bancarotta* e do francez *banqueroute*, linguagens estas de accordo com o genero de *banca* e *banque*.

l) **Baralha e baralhø.** Tratando-se do jogo de cartas, o port. hod. diz *baralho*. Do genero feminino, usado

outrora, occorrem a pag. 209 dos Apol. * Dial. de Mello quatro exemplos. Igualmente em Vieira, Serm. 8: *As cartas não hão de ser de outra baralha, senão as mesmas* (261); as naos fossem providas... *não de baralhas de cartas* (262).

m) **Copa e copo** *) — Em linguagem hodierna servimo-nos geralmente da forma masculina para designar o vaso de beber. O feminino *copa* não é de uso corrente senão para denotar cousa diversa: lugar onde se guardam mantimentos, louça, etc.; a parte superior e arredondada de certos objectos (*copa de chapéu, copa de arvore*). Em port. ant. usava-se do feminino *copa* com a significação de «taça», quer fosse de metal o vaso de beber, quer de vidro. Exemplos de *copo*, no masculino, a par de *copa*, apparecem no seculo XVI, e tornam-se mais frequentes dessa epoca em diante:

Eu bebo em taças e *copas* douro (L. de Esopo 24) — Cada hñu bebe por hña grande *copa* de ouro (M. Polo 33 r) — Dai cá a *copa* que hontem vos dei (Cam. Amphitryões) — Eis aqui a *copa* vem testemunho da verdade (Cam., ib.) — Trazia hum vaso de prata dourado a modo de *copa* (Barros, Dec. 1, 6, 4) — Tinha *huma copa* d'ouro de bordas largas (G. Corr. 1, 99) — Trouxerão mais outras muitas peças, como forão pratos grandes, saleiros e *copos* tambem de ouro, com que a vista se deleitava muito (F. M. Pinto 1, 278) — Hum envoltorio em que vinhão muytos *copos* e jarros de prata (ib. 2, 275) — Lançando-lhe o vinho nos *copos* (Sousa, S. Dom. 90).

No seguinte exemplo seiscentista já a palavra *copa* vem tomada no sentido de armario em que se guardam vidros:

A este imperador apresentaram huns embaixadores de Veneza *huma copa* de varios vidros artificiosos e esmaltados de ouro (Bern., N. Fl. 4, 267).

n) **Espinho e espinha**. Os seiscentistas serviam-se indifferentemente de uma ou outra forma, em exemplos como os seguintes, nos quaes o port. hod. não usa senão o masculino:

Cabeça coroada de *espinhas* (Bern. L. e C. 539) — Jesus tece de nossos *espinhos* a sua coroa (ib. 540) — Tu foste o que açoulaste

*) Veja-se a proposito dos dous termos o respectivo capitulo em Said Al Meios de Expressão e Alterações Semanticas.

a Jesus, tu o que o coroaste de *espinhos* (ib. 570) — Huns martyres caminham sobre as *espinhas* como sobre flores, outros a cada passo que davão, lhes brotavão dos pés encravados tantas fontes de sangue, quantos erão os *espinhos* (Vieira, Serm. 5, 265) — O trigo que parte cahio... entre *espinhos* e parte sobre pedras duras (ib. 8, 395).

Em port. ant. dizia-se no feminino:

O leão e o pastor que lhe tira do pé huma *espinha* (Livro de Esopo 27) — Sem cardos e sem *espinhas* (S. Josaph. 12).

A forma feminina podia tambem designar, como hoje, osso de peixe:

A invenção desta peçonha he dos moradores da ilha Çamatra, a qual se compõe com a *espinha* do peixe (Barros, Dec. 2, 6, 4).

o) **Teiró.** Da incerteza do genero desta palavra dão testemunho os seguintes passos:

Ouvira o nome de Gil Eannes, a quem tinha *antigo teiró* (Herc., M. de C. 1, 209) — Não obstante porém a *teiró* do donato (ib. 1, 251) — Sem saber porque, a *teiró* que tinha a Fr. Vasco sentia-a diminuir d'intensidade (ib. 1, 288).

p) **Tigre, lynce.** Usam-se geralmente no masculino. Alguns exemplos occorrem, comtudo, em que se tomam estas palavras no feminino:

As *lynces* mosqueadas (Castilho, Georg. 177) — *Tigres* raivosas (ib. Georg. 85) — *Tigre* denegrada (ib. 275); porem: os *tigres* apiedava (ib. 287) — *Crua tigre* faminta (Castilho, Metam. 238) — A *tigre* na selva (ib. 173).

q) **Espia, guia.** Dá-se-lhes hoje o genero masculino em attenção ao sexo dos individuos que exercem o officio de espiar, ou costumam guiar os outros. Outrora attendia-se á terminação dos vocabulos:

Foi avisado por *suas espias* (Castanh. 1, 75) — A *guia* fogio coeles (ib. 3, 151) — Como *espias domesticas* que sabião onde estavão os idolos tal vez escondidos (Vieira, Serm. 8, 475).

r) **Guarda.** Usado hoje no feminino, na accepção de «acto de guardar», e no singular no sentido colectivo de «soldados que estão de guarda», toma comtudo o genero masculino quando referido a individuos, quer no singular, quer no plural. Contrariamente a esta regra dizia-se:

O que derrubou amortecidas *as guardas* (Vieira, Serm. 7, 290) — Entrai, se vol-o permittirem *as guardas* (ib. 31).

Vieira distingue todavia *guarda* (≡ sentinela) de *guarda* (= guardador, pastor) neste passo:

Vencendo a quatro reys só com *os guardas* das suas ovelhas (Serm. 3, 253).

s) **Lingua** significando «interprete» apparece com o artigo *o* frequentemente em Castanheda. *Hum bom lingua* diz do mesmo modo Vieira, Serm. 1, 106. Continua a usar-se no masculino.

t) **Trombeta**, designando o soldado que toca o instrumento, occorre em Fernão Lopes no masculino:

Mandou-lhe dizer per *hũu seu trombeta* (D. J. 257) — Nun Alvarez recebeu bem *ho trombeta* (ib.) — Com esta reposta se partio *ho trombeta* (ib. 258) — E em contando *o trombeta* a reposta (ib.).

No seguinte passo vem a palavra no feminino, por pensar-se menos na pessoa:

E levarom consigo *hũa trombeta* que andava em companhia dhuũ daquelles que se apartarom, e quando veo aa mea noite, *aquelle trombeta*, per mingoa de boom aviso, começou de tamger (259).

u) **Pyrames** por **pyramides** occorre varias vezes no masculino nas Decadas de João de Barros.

v) **Fantasma**. Usou-se no feminino:

g) A continuação tinha criado em Frey Gil animo para desprezar *suas fantasmas* (Sousa, S. Dom. 87) — Revestiu-se de noite de *uma fantasma medonha* (Vieira, Serm. 11, 267) — *A fantasma* arremette (Mello, F. Apr. 42) — Ainda que na verdade não seja mais que *huma fantasma* (M. Aires, 272) — *Fantasmas varias* (Castilho, Met. 275).

ADJECTIVOS

Formação do plural

Forma-se o plural dos adjectivos acabados em vogal, acrescentando-lhes -s, e o dos adjectivos acabados em consoante, por meio do suffixo -es exactamente como se fossem substantivos: *ricos, bons, amaveis, audazes*.

Diversamente dos substantivos, existem adjectivos terminados em -il não sómente oxytonos, mas tambem paroxytonos. Destes ultimos occorrem alguns com o plural regular em linguagem antiga: *fertiles* (Barros, Dec. 1, 1, 4); *esteriles* (ib. 2, 8, 1); *habiles* (F. M. Pinto 2, 114); *volatiles, aquatiles* (H. Pinto 1, 4); *difficiles* (ib. 1, 172 e passim). Era, aliás, a formação indicada, uma vez que no singular, alem de *debil, esteril, fertil*, etc., tambem se admittiam *debile* (Livro de Esopo 36), *esterele* (Barros, Dec. 1, 1, 10), *fertele*, etc.

O portuguez hodierno não reconhece para estes adjectivos paroxytonos senão o plural em -eis: *faceis, uteis, ferteis*. *Fossil*, com o seu plural *fosseis* usa-se muito como substantivo.

*Simple*s ou *simpres* tinha outrora o plural *simplices* ou *simpreses*.

Não é prova de pronuncia differente do hodierno -eis a graphia -ees do port. ant. em *estavees* (Livro de Esopo 30), *prazivees* (S. Josaph. 7), *semelhavees* (ib. 11). É ainda de notar que por vezes se hesitava entre -avel e -avil, e entre -ivel e ivil. Em periodo menos remoto vemos o cantor dos Lusíadas decidir-se sempre pelas terminações -abil e -ibil.

Os adjectivos em -ão formam geralmente o plural em -ões segundo a regra para os substantivos de terminação identica. Excepcionalmente, fazem em -ãos: *loução, são, chão, comarcão, temporão, vão*, alem dos se-

guintes usados também como substantivos: *pagão*, *christão*, *romão* (port. ant. = romano). Em *-ães* fazem: *alle-mão*, *catalão*, *charlatão*, que também servem de substantivos.

Nas chronicas antigas lê-se *paçãos* (= port. mod. *palacianos*), *castelãos* (= port. mod. *castelhanos*); em G. Vic. 2, 489 *cintrãos*; em Castanh. 3, 145 e passim *meãos*, e em F. Lopes, Chr. D. F. 214 *caãos* (= encanecidos): forem... sem barvas e que aa tornada veheram *caãos*.

Genero

Nos adjectivos, como nos substantivos, a característica do genero feminino é a terminação *-a*, posta em lugar da desinencia vocalica masculina, ou accrescida á terminação consonantal masculina. As modificações phoneticas que esta regra soffre foram desenvolvidas no capitulo sobre os substantivos.

Entre os adjectivos que mudam *-o* em *-a* estão comprehendidos o port. ant. *bõ-o*, *bõ-a* e *ma-o*, *ma-a*, que, simplificados pelo frequente uso, se tornaram respectivamente em *bom*, *boa* e *mau*, *má*. Procede o primeiro adjectivo do lat. *bonu-*, *bona-*, e o segundo de *mabu-*, *mala-*, sendo de notar que durante algum tempo perdurou em port. ant. a par do feminino *maa*, a forma *mala*, bem como o adverbio *malamente*. Vestigios desta primitiva linguagem conservaram-se em certos dizeres até o seculo XVI: *Cousa velha e certa he: quem malas manhas ha, não has perde em quinze dias* (Sá de Mir. 430). Do emprego de *malamente* basta mencionar: *Aviã traulado malamente os seus monjes* (Frad. Men. 1, 41).

Applicam-se a um e outro genero sem soffrerem mudança alguma os adjectivos em *-e*, *-l*, *-az*, *-iz*, *-oz* e *-ar*, como: *forte*, *igual*, *facil*, *sagaz*, *feliz*, *veloz*, *particular*. Por excepção dizemos *hespanhol*, *hespanhola*.

Em *-uz* existe a palavra *andaluz* com o feminino *andaluza*.

Das palavras em *-ez* são invariaveis quanto a genero: *cortez*, *montez*, *pedrez*, *soez*, *tremez*. Em port. ant. esta invariabilidade estendia-se aos adjectivos patrios em *-ez*. Fer-

não d'Oliveira dá como sendo de genero commum *portugues, ingres, frances*, mas accrescenta: posto que tenham femininos em *a* como *portuguesa*. João de Barros preferia a forma invariavel:

A nação portugues (Dec. Prol. e 1, 3, 12; 1, 4, 11) — *Da gente portugues* (Dec. 1, 1, 2; 1, 4, 9; 1, 4, 11) — *A nação genoes* (ib. 1, 3, 11) — *Lingoa portugues* (ib. 1, 8, 6; 2, 2, 5).

Camões adoptou o feminino em *-a*:

A policia portuguesa na paz e na milicia (Lus. 7, 72).

Esta pratica firmou-se, e dos seiscentistas em diante os adjectivos patrios são definitivamente considerados como palavras variaveis em genero.

A palavra *commum* serve, no falar hodierno, para ambos os generos sem soffrer modificação alguma, e assim serviria tambem a principio, attendendo a que não se fazia distincção em latim. Fernão Lopes: *a commuã voz*, Chr. de D. J. 24 e semelhantemente em outros passos. Por analogia de *ũ, ãa* surgiu, comtudo, o feminino *commũa*, sendo seu emprego condemnado pelo grammatico de 1536. Discordava desta opinião João de Barros, entendendo que no feminino tanto se podia dizer de um modo como de outro, como o demonstram muitos passos das Decadas. Esta liberdade foi ainda reconhecida por Vieira, Bernardes e outros seiscentistas:

A gente commum (Barros, Dec. 2, 5, 8) — Segundo *a commum opinião* (ib. 2, 9, 5) — Sendo *ellas commuas* a elles (ib. 2, 5, 11) — Por as *mulheres* serem *commuas* aos de suas dignidades (ib. 1, 9, 3) — A conclusão *mais commũa*, mais recebida e mais certa (Vieira, Serm. 3, 34) — He *commum allegoria* (ib. 3, 62) — A *commum exposição* dos interpretes (ib. 3, 6) — Esta definição he fundada na *doutrina commua* dos Padres (ib. 2, 160) — Nesta *desgraça commua* (ib. 2, 166). — Aquella devoção dos Athenienses era tão *commua* e tão vulgar (ib. 9, 40) — He *commua frase* dos Santos Padres (Bern., N. Flor. 1, 237).

Ainda no seculo XVIII se usou frequentemente o feminino *commua*. Assim em Durão, Caramuru 1, 15 e varios outros passos do mesmo poema. É de notar que com o tempo desnasalou-se a terminação *-ãa*, tornando-se em *-ua*, á semelhança do que succedeu com *lãa, lua*.

O desaparecimento do feminino *commua* deve-se na-

turalmente ao sentido baixo que veio a adquirir o vocabulo como substantivo.

Os adjectivos terminados em *-ão* formam de tres maneiras o feminino. Em *-an* existem: *chan, gran, san* (e *mal-san*), *loucan, mean, folgasan, temporan*, assim como os seguintes que tambem servem de substantivos: *alleman, bre-tan, coimbran, cintran, catalan, comarcan, christan, pagan roman* (port. ant. = *romana*). Com referencia a febres existem *tercan, quartan, quintan*, sem os masculinos correspondentes.

Raros são os femininos em *-oa*: *bretoa* (ao lado de *bretan*), *tabellioa*. Os augmentativos dizem-se geralmente com a terminação *-ona*: *feianchona, toleirona, bonacheirona*, etc.

Dos adjectivos em *-or* não distinguem o genero senão pelo sentido os compostos de substantivos, como *multicor, semsabor*, e os comparativos e superlativos *melhor, peor, maior, menor, superior, inferior, interior, exterior* e *ulterior*.

Usa-se apenas o feminino *superiora* substantivadamente como *superiora de um convento*.

De procedencia erudita são *directriz, bissectriz, motriz* (tambem se diz *motora*) usados como femininos de *director, bissector* e *motor*.

Levados em conta estes casos particulares, os adjectivos em *-or* fazem em geral o feminino com o accrescimento da caracteristica *-a*: *cortador, cortadora; vingador, vîngadora*. Esta forma feminina é usada já desde João de Barros e Camões; porem nos seculos XIV e XV eram taes adjectivos em *-or* considerados ainda como invariaveis quanto ao genero:

Espadas brancas muito cortadores (F. Lopes, D. J. 214) — Cada huñas *virtudes* som *mereçedores* de seus pregoões (ib. 56) — E nom somente deu os beês delle, mas ainda da Maria Anes Leitoa, sua *manceba, morador* em Lixboa, se achassem que fugira com elle, ou era *comssemtidor* naquella malldade (ib. 336) — E a dita comdessa era em ello *comssemtidor* (ib. 386).

Comparação

Dous ou mais seres podem ter o mesmo attributo ou qualidade em grau igual ou differente. Observar este factó equivale a comparar, e o resultado enuncia-se antepoñdo ao adjectivo a palavra *tão* para a igualdade, *mais* para a superioridade, *menos* para a inferioridade.

Tratando-se dos adjectivos *bom*, *mau*, *grande*, *pequeno*, usam-se, para denotar a superioridade, as formas syntheticas vindas do latim *melhor*, *peior*, *maior*, *menor*.

Se a comparação se limita a assignalar a differença ou igualdade entre dous entes ou duas series de entes, diz-se que o adjectivo está no grau comparativo. Se tem por intuito fazer sobresahir a qualidade de um ou mais seres de entre a totalidade dos seres da mesma especie, ou semelhantes quanto a outros attributos, o adjectivo estará no superlativo (relativo).

Em portuguez, como nas demais linguas romanicas, este superlativo não tem forma propria que o distinga do comparativo; e assim é que *maior*, *melhor*, *peior*, *menor* se usam para ambos os graus de superioridade, ao passo que em latim eram meros comparativos.

O artigo não é privilegio do superlativo relativo. Acompanha-o sempre, é certo, por assim o exigir o sentido; mas a sua presença no comparativo depende sómente da maneira de redigir a frase. Diz-se v. g.: *dos dous irmãos André e João, aquelle é o mais rico*, a par de *André é mais rico do que João*. Segundo a definição acima, o adjectivo *rico* está no comparativo tanto num como noutro exemplo.

A formação dos superlativos em *-imus* e *-issimus*, proflifera no latim classico, esterilizou-se no latim vulgar, não chegando portanto ao portuguez vocabulos desta especie. A corrente erudita reviveu mais tarde o processo, restringindo comtudo o caso de taes formas ao sentido de superlativo intensivo. Puro latinismo é o emprego de *pessimo* por *o peior* em Bern. L. e C. 263: *e nesta forma bem podia hum S. Francisco entender que elle era o pessimo de todos os nascidos*.

Apesar desta regra, conseguiram insinuar-se na linguagem culta como superlativo relativo: a) *optimo* na lo-

cução o *ponto optimo* (= o ponto melhor); b) *maximo* e *minimo* em certas locuções como o *grau maximo* e o *grau minimo*, e tambem em substituição, não obrigatoria, a o *maior*, o *menor*, tratando-se de cousas abstractas; c) *supremo* ou *summo*, *infimo*, e *extremo*, usados, em certos casos especiaes, para significar «o mais alto», «o ultimo», «o mais baixo», «o que é chegado ao ponto derradeiro».

Por via erudita penetraram igualmente em nosso idioma os comparativos *superior*, *inferior*, *exterior*, *interior* (os tres primeiros respondem morphologicamente aos superlativos acima mencionados em c), tendo comtudo applicação mais ampla), e, em epoca mais recente, *anterior*, *posterior* e *ulterior*. Diversamente dos outros comparativos de superioridade, podem estes vocabulos subsistir sem os competentes adjectivos em grau positivo. Explica-se o paradoxo, por denotar a forma comparativa aqui tão sómente a opposição de idéas quanto ás circumstancias de lugar; e, se *superior* e *inferior* tambem se usam em sentido metaphorico, convem notar que as metaphoras não destroem processos grammaticaes.

Fazendo abstracção dos superlativos em *-imus* e *-issimus* extintos ao constituir-se o idioma portuguez, notamos, quanto á formação synthetica, que herdamos do latim *bom*, *melhor* (*bonus*, *melior*) e *mau*, *peior* (*malus*, *peior*) sem outra modificação mais do que a exigida pela diversidade da phonetica. *Pequeno*, *menor* differe do latim *parvus*, *minor* por haver outro vocabulo no grau positivo tomado o lugar do adjectivo *parvus*, o qual, embora se conservasse em portuguez (*parvo*, *parvo*), deixou de exprimir dimensão para applicar-se especialmente á deficiencia intellectual. *Grande*, *maior* corresponde ao latim *magnus*, *maior*, havendo aqui substituição do qualificativo no grau positivo por um vocabulo synonymo. *Magnus*, com effeito, cahiu cedo em desuso; os unicos vestigios que de seu emprego nos ficaram em portuguez antigo encontram-se em *tamanho* (*tan + magnus*) e *camanho* ou *quamanho* (*quam + magnus*). O emprego de *Manho*, *Magno* junto a nome de pessoa, como titulo, p. ex. em Cam. Lus. 4, 32 *Julio Magno* (pronunciado *Manho* para rimar com *extranho*), introduziu-se em portuguez indirectamente, por via de outro idioma romanico.

Alem das formas *melhor*, *peior*, *maior* usuaes e frequentissimas em qualquer escripto, topam-se uma ou outra vez *mais bom*, *mais mau*, *mais grande*. Extrahidos das diversas obras, e reunidos, os exemplos dão a impressão de numerosos. Considerados, porém, relativamente aos incontaveis casos de emprego de *melhor*, *peior*, *maior*, a par dos quaes occorrem, são como raras ilhas esparsas por oceano vasto e sem limites. Quando os autores recorrem a taes formas analyticas, fazem-no em geral com o intuito de avivar melhor no espirito do leitor (ou ouvinte) as noções de «bom», «mau», «grande». Por vezes lançam mão de tal recurso exageradamente, parecendo-nos que se poderia dispensar, como neste caso:

Dentes... pouco *mais grandes* que de serra (Zur. Guiné 275).

É sem duvida para exprimir os conceitos com mais emphase que vêm as formas analyticas nestes exemplos:

De maaõ que sejas serás feito boom, e de boom que sejas serás feito *mais boom*... De boom que sejas serás feito maaõ e de maaõ que sejas serás feito *mais maaõ* (Frad. Men. 1, 225) — A frey Bernardo he dada cavalaria e vitoria de alguuns dos *mais grandes* e mais sottiis diabos (ib. 1, 67) — E porque moramos em terra de vyandas e beberes muyto avondosa contra este pecado de guargãtice nos convem aver *major* avysamento, e muyto *mais grande* aos que som postos em real estado (D. Duarte, Leal Cons. 110).

Prestando-se melhor á emphase, permitem as formas analyticas particularisar o sentido de *grande* como «grandioso», «magnificante», «potente», de *bom* como «bondoso», de *mau* como «malvado»:

Entre os Reys que forão em Portugal, ata sua idade, elle foi avido por *mais grande*, e a sua magnificencia procedia de sua mui grande magnanimidade (Zur. D. J. 2) — Nunca daquy partirey ataa que faça hũa cousa tão assiinada, que nunca jamais aquy venha outro semelhante, nem ainda *mais grande*, que a mayor nem milhor possa fazer (Zur. Guiné 143) — Outros querram dar per comto tantas boas cousas, feitas per alguũ de menos autoridade e homrra, dando rrazões pera os iguallar a este de *mais grande* estado (F. Lopes. D. J. 56) — Elrey de Calicut era ho *mais mao* homem que podia aver no mundo (Castanh. 3, 99) — Eram os *mais maos* homens do seu [tempo] (Vieira, Serm. 4, 198) — Esta he a *mais mí* terra de todo o mundo, pois nella se commettem tantas maldades (ib. 4, 313) — Ao seu rey, que era Sardanapalo, o *mais mao* rey e *mais mao* homem que houve no mundo, den Dens de prazo marenta dias (ib. 2, 457) — O moco mais

garrido, mais amavel, *mais bom*, dar-se-ia por ditoso se chegasse abraçar corpinho tão mimoso (Castilho, Fausto 239).

Todo o cabimento tem o emprego de *mais bom*, *mais mau*, *mais grande* quando a comparação se faz com outro adjectivo:

Tornou o Santo com semblante grave: Madre minha, vós sois mais justa que boa; e convem serdes *mais boa que justa* (Bern. N. Flor. 2, 183).

O termo por onde a comparação se afere, enuncia-se, em caso de igualdade, antepondo-lhe a particula *como*:

Tem a casca *tão doce como* o gomo (Castanh. 2, 22) — Não era Sancho, não, *tão deshonesto como* Nero (Cam., Lus. 3, 92) — Nem *tão mau como* foi Heliogabalo (ib.) — Inimiga não ha *tão dura e fera como* a virtude falsa da sincera (ib. 10, 113) — A arrelharia dos inimigos não era *tão boa como* a nossa (Castanh. 1, 51).

A mesma particula se usa na equiparação de dous adjectivos:

Assyria gente sugeita a feminino senhorio de hũa *tão bella como incontinente* (Cam., Lus. 7, 53) — Hum documento *tão necessario como util*, e *tão util como admiravel* (Vieira, Serm. 9, 297) — Hospedes *tão incommodos como frequentes* (Herc., M. de C. 1, 227) — *Tão ignorante como altivo*, a raça burgueza era para elle uma raça vil e reproba (ib. 1, 169) — Circumstancias que fora *tão longo como inutil* enumerar (ib. 1, 190) — Homem *tão violento* de genio *como duro* de braço (ib. 1, 236) — *Tão contrarios* ao Evangelho... *como conformes* á largueza da vida (Vieira, Serm. 8, 144).

Exemplos literarios do emprego de *tão... como...* são extremamente copiosos, mas os que acabamos de reproduzir bastam para dar idéa desta linguagem. Por excesso de logica, substituem muitos, hoje em dia, systematicamente *quanto a como*, dizendo, v. g. *tão rico quanto elle*. Os escriptores tinham outrora antes o sentimento de equiparação que o da proporcionalidade em taes frases, e o uso de *quanto*, aliás bem restricto, nota-se quando a segunda parte da comparação é uma oração longa, ou tem verbo differente, ou verbo igual, porem de tempo differente:

Tão cega fica quanto ficareis se raizes criar lhe não tolheis (Cam., Lus. 8, 50) — A relação da fortuna deste principe Bemoiij *está tão curta quanto he copiosa* em os louvores delrey (Barros, Dec. 1, 3, 6) — Hũa mesa fazem, que se estende *tão bella quanto pode imaginar se* (Cam., Lus. 9, 55).

Com os comparativos *superior*, *inferior*, *anterior*, *posterior* o termo de comparação vem precedido da particula *a*. Com os demais comparativos de desigualdade usa-se *que* ou *do que* antes do termo de confronto. Esta ultima maneira de dizer prevalece na linguagem hodierna; os escriptores antigos e os da Renascença davam preferencia ao simples *que*.

Estando o adjectivo no grau superlativo, o termo de confronto virá precedido da preposição *de*.

Superlativo intensivo

Não tem sentido a denominação de superlativo « absoluto » definida como forma adjectiva que denota a « qualidade elevada ao ultimo grau ». Pode-se, por comparação, formar conceito de uma serie infinita de cambiantes da mesma qualidade, mas é impossivel ter noção do limite extremo de cada qualidade em particular. Ninguém sabe o que possa ser o ultimo grau da temperatura, do peso, da força, da grandeza, da riqueza, da bondade, da maldade, da expansibilidade, e, entretanto, os respectivos adjectivos têm a forma superlativa. Por muito intensa que seja a qualidade, sempre podemos imaginal-a mais intensa ainda:

No mesmo dia de sua coroação... nos assombrou este ceu austral com hum cometa *maior que o grandissimo* de 1680. (Vieira, C. 2, 308) — *Terribilissimos* foram os sonhos que Deus mandou ao Presbytero; mas, por ventura, *mais terrivel* é a sua significação (Herc., Eur. 50).

Sendo assim, volvemos á noção de relatividade; e como podemos evitar um termo susceptivel de confusão, preferiremos aqui a denominação de **superlativo intensivo**, definindo-o: é a forma adjectiva apropriada para expressar que a qualidade ou attributo ultrapassa a noção comum que se tem dessa qualidade ou attributo. Para traduzir isto em linguagem, dous processos se nos offerecem á escolha: ou antepôr ao adjectivo um adverbio de intensidade (*muito*, *extraordinariamente*, *consideravelmente*, *extremamente*, etc.) ou accrescentar o suffixo *-issimo* ao thema adjectivo.

O superlativo formado por meio do suffixo *-issimo* é

de origem erudita e regula-se em geral pelo superlativo latino. Assim *nobre* (de *nobil-e*) faz *nobilissimo*, *veloz* (de *veloc-e*) faz *velocissimo* e os adjectivos em *-avel*, *-ivel*, *-uvel* mudam estas terminações em *-abil*, *-ibil*, *-ubil* ao tomarem o suffixo *-issimo*: *notabilissimo*, *horribilissimo*, *sotubilissimo*.

A par desta formação synthetica regular em *-issimo*, existem alguns superlativos em *-imo* tomados igualmente do latim: *optimo*, *pessimo*, *humilimo*, *facilimo*, *difficilimo*, *pauperrimo*, *asperrimo*, *miserrimo*, *integerrimo*, *acerrimo*, *celeberrimo*, *saluberrimo*.

Algumas vezes, sem embargo da forma latina, tiram-se directamente de vocabulos portuguezes superlativos em *-issimo*. *Asperissimo* (Cam. Lus. 3, 116; Couto, Dec. 4, 1, 3; 4, 3, 1; Sousa, Arc. 1, 115) usa-se a par de *asperrimo* (Cam. Lus. 5, 12; 5, 51; 8, 10); *pobrissimo* (Couto, Dec. 5, 7, 9; F. M. Pinto, 1, 50; 1, 90; Bern. N. Flor. 2, 170; Vieira, C. 2, 100; Herc., M. C. 1, 79) é usado na literatura de preferencia a *pauperrimo*, hoje mais em voga; *humildissimo* (Arr. 700, 706; Bern., N. Flor. 4, 339) concorre com *humilimo* (Cam., Lus. 4, 54); *facilissimo* era forma corrente entre quinhentistas (J. Santos, Eth. 1, 230; Arr. 47; Couto, Dec. 5, 1, 2; 4, 10, 3; Itin. 306).

Bom e *mau* têm, alem de *optimo* e *pessimo*, os superlativos intensivos *bonissimo* e *malissimo*, aquelle referido principalmente á bondade moral e este á maldade e caracter mau de alguma pessoa:

Entrava hum Castelhana, e rico, o qual lançou o filho pera a India por *malissimo* (Couto, Dec. 8, 6) — E como era fraco e cruel (cousas que sempre andam juntas) e sobretudo *malissimo*, mandando levar os Portuguezes ante si, os persuadio a se fazerem Mourros (ib. 4, 4, 9) — Saul, antes de se encarregar do Reyno de Israel, foy *bonissimo*; depois de ser Rey, foy *malissimo* (Arr. 700) — Mas a cobicia e perversidade dos ministros não deixavam ser bom rei quem de seu era *bonissimo* varão (Sousa, S. Dom. 69) — Que seja bom e *bonissimo* o sacrificio do corpo e sangue de Christo sacramentado, não haverá quem o negue (Vieira, Serm. 5, 550).

De *sabio*, *magnifico*, *benefico* não se tiram superlativos de formação synthetica; porem servem para denotar o grau intensivo destas qualidades *sapientissimo*, *magnificentissimo*, *beneficentissimo*, tirados respectivamente de *sapient-e*, *magnificent-e*, *beneficent-e*.